



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do complexo administrativo e do centro de convivência do campus “Petrolina Centro” e das obras do campus “Ciências Agrárias” da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

Petrolina-PE, 17 de agosto de 2010

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Magnífico Reitor José Weber Freire Macedo, da Universidade Federal do Vale do São Francisco,

Meu caro Júlio Lóssio, prefeito de Petrolina,

Meu caro Osório Ferreira Siqueira, presidente da Câmara Municipal de Petrolina,

Senhor Fernando Bezerra, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico,

Senhor Anderson Gomes, secretário estadual de Ciência e Tecnologia,
Magnífico Reitor Sebastião Rildo Fernandes Diniz, do Instituto Federal do Sertão Pernambucano,

Senhor Isaac Carvalho, prefeito de Juazeiro,

Querido Geilson Ribeiro da Silva, Mariana e Maria Clara, por meio dos quais cumprimento os alunos, professores e funcionários da universidade,

Minhas amigas e meus amigos,

Eu vou... Pega o discurso aqui, porque... Não, é que eu não vou, eu não vou, eu não vou ler os números ali, porque o Reitor já falou, o Fernando Haddad já falou de números, e eu queria falar de uma coisa, de uma coisa que eu considero importante para nós.

O Fernando Haddad falou que a Univasf, ela foi aprovada, me parece



que em 2002, ela foi sancionada, mas quando nós ganhamos a Presidência, não é que não tinha nenhuma sala, não tinha nenhum tijolo, nós começamos ela do zero. Eu acho que esse fato é importante, porque a hipocrisia da política brasileira historicamente fazia com que um presidente, um governador ou um prefeito não fizesse a obra que o outro tinha começado, porque não era obra dele e não queria dar prestígio.

Eu acho que essa pequenez política levou o Brasil a um atraso muito grande. Essa pequenez política – e hoje eu posso falar com conhecimento de causa de quem presidiu este país oito anos –, a pequenez política de um adversário que esteja no Senado ou na Câmara contra quem está governando uma cidade ou o estado é tão grande que, muitas vezes, uma cidade e um estado deixam de receber recurso porque os adversários ficam naquela briga pequena, sórdida, e não permitem que este país se desenvolva.

Eu, se morresse hoje, teria a tranquilidade de dizer, com a minha consciência tranquila, que eu duvido que tenha um prefeito neste país, que tenha um governador neste país, que não seja do meu partido, que não seja de um partido aliado, que possa dizer que deixou de receber R\$ 5,00 por conta de ser meu adversário político, duvido. Duvido que tenha no Brasil um prefeito que diga que um ministro meu o tratou diferentemente porque ele não era ligado a nós. Não é assim que funciona a minha cabeça republicana, não é assim que funciona a cabeça de alguém que comeu o pão que o diabo amassou, que teve que enfrentar todos os preconceitos que um ser humano já enfrentou na vida, que teve que receber todas as ofensas que eu já recebi para chegar à Presidência da República e ser pequeno como eles foram comigo. Jamais isso iria acontecer e jamais acontecerá daqui para a frente porque o povo brasileiro está mais esperto.

A gente já não aceita mais aquele negócio de que um cara que fala na televisão é formador de opinião pública e a gente é vaquinha de presépio que vai atrás dele, não, não. Este povo, meu caro ministro Fernando Haddad,



aprendeu a pensar com a sua consciência. Este povo começou a aprender a enxergar com seus próprios olhos. Este povo começou a escolher com a sua maturidade política. E aí vocês estão vendo, muitas vezes, que as pessoas do lado de lá dizem uma coisa e acontece outra coisa do lado de cá, porque ninguém é mais bobo, ninguém é mais tonto. Quando alguém tenta fazer uma sacanagem qualquer, o *blog* está aí para todo mundo ver, o *Twitter* está aí para todo mundo ver. Não adianta nego tentar fingir... Ninguém consegue mais repetir o que fizeram comigo em [19]89, ninguém consegue mais, o povo está esperto, o povo aprendeu. Então, eu acho que este é um fato extraordinário.

Segundo, nós fizemos esta universidade e eu fico tranquilo de ver, Reitor, a competência de você e de sua equipe de colocar tanta coisa de pé em tão pouco tempo. Porque, gente, quem é da área administrativa precisa saber que entre a gente pensar e fazer uma coisa, arrumar dinheiro para fazer essa coisa, ter o projeto para fazer essa coisa, fazer a licitação dessa coisa e começar a fazer essa coisa, às vezes, a gente pensa hoje e daqui a três anos a gente não começou ainda a fazer, porque a quantidade de obstáculo que se apresenta para a gente construir uma coisa é muito grande, gente, é muito grande.

Hoje eu vim conhecer, hoje eu vim visitar a Transnordestina. Só eu fiz 31 reuniões NO meu gabinete por conta da Transnordestina, só eu. Trinta e uma reuniões, fora a quantidade de reuniões que fez a ex-ministra Dilma, quando era chefe da Casa Civil, ou que fez a Erenice, ou que fez o Ministro dos Transportes, ou que fez o Ministro da Integração [Nacional]. Primeiro, construir a engenharia financeira; depois fazer o projeto; depois que vai fazer o projeto, você tem que fazer o EIA/Rima; você tem que pegar a licença ambiental; depois você tem que ter a questão da autorização de licenciamento para começar a obra; depois você tem licitação; depois você tem desapropriação e depois você tem uma briga no Judiciário que é interminável, sobretudo envolvendo três estados. Nós demoramos exatamente cinco anos para que a



gente chegasse ao estágio em que a gente está hoje e ver esta obra começar a funcionar.

Vocês estão vendo a ponte de Petrolina e Juazeiro. Está vendo, não é, Isaac, a ponte de Juazeiro? Eu vim aqui, acho que no segundo ano do meu mandato, dizer que era para duplicar esta ponte. Vim aqui, fizemos o projeto e começamos a duplicar. O lado de Petrolina ficou pronto. Tinha um prefeito do lado de Juazeiro que fez uma consulta popular e não aceitou o projeto original que ia passar, não sei se por dentro da cidade, aí anularam o projeto, foi licitação, foi concorrência, foi audiência pública, foi um inferno. Eu sei que a ponte, até agora, é chamada de “ponte picolé”, porque a parte de Petrolina está pronta e a parte de Juazeiro ainda está só com um pé, ou seja, a gente não conseguiu.

Eu estava conversando com o Prefeito agora, é indescritível, é indescritível a dificuldade para a gente fazer uma coisa no Brasil quando tem alguém querendo atrapalhar a gente a fazer essa coisa. Mas eu, Prefeito, vou me comprometer outra vez com Vossa Excelência... Eu sei que tem um projeto novo, o Prefeito quer estender a duplicação acho que uns 15 quilômetros para frente, nove quilômetros para frente. Da outra vez em que eu vim aqui, ele me falou isso, nós vamos levar isso para frente e vamos fazer. Eu quero ver se, antes de sair daqui, eu converso com o DNIT, para lhe dar uma resposta de como está andando essa tal de “ponte picolé”. E tem alguém chupando esse picolé, porque não anda para lá. É preciso mergulhar, ver se não tem um sapo cururu enterrado dentro do rio, do lado de Juazeiro. Se tiver, nós vamos tirar.

Bem, eu estou dizendo isso para vocês, porque eu vou terminar um mandato e, prazerosamente, é motivo de orgulho quando eu ouço o Fernando Haddad dizer que, embora eu seja o único presidente da República, Joilson, que não teve a oportunidade de ter um diploma universitário... Eu, se tivesse, eu não queria ser engenheiro, eu gostaria de ser economista. Porque economista é um bicho sabido, economista é um bicho sabido. Economista,



quando é oposição, ele pega o microfone, ele tem solução para tudo. Mas quando ele ganha, que ele tem que governar, tudo fica difícil. E eu acho fantástica a capacidade de economista falar número. Ele nem percebe que as pessoas não estão acompanhando, porque ninguém é computador. Mas ele vai falando, e vai falando... Eu acho um bicho... Então, eu seria economista, para falar número. Mas, por falar em números...

Então, eu fico com orgulho, Joilson, eu fico com orgulho – e isso não é nenhuma apologia a alguém não ter o diploma universitário, porque eu gostaria de ter sofrido o que você sofreu para chegar à Universidade. O bichinho sofreu, mas não esqueceu de namorar um pouquinho, já tem a filhinha ali! Bichinho sofreu, mas estava esperto, estava esperto, estava esperto.

Então, eu, quando vejo a história do Geilson, eu, sinceramente, me sinto realizado, eu me sinto como um ser humano realizado, porque tudo começou com uma discussão de como a gente iria facilitar a entrada de criança na escola... de adolescente na universidade. Uma vez eu chamei o Fernando Haddad, era o Tarso Genro, ainda, o ministro da Educação, chamei os dois e falei: olhem, nós precisamos encontrar um jeito de financiar, é preciso colocar mais jovem na escola. Não é possível, não é possível. Por conta dessa discussão, surgiu o ProUni, e o ProUni já colocou 704 mil jovens na universidade brasileira. E 116 mil ou 118 mil já se formaram. Faz um mês que eu e o Fernando Haddad participamos lá em Brasília, no Hotel Blue Tree, de uma festa com 414 meninas e meninos do ProUni que se formaram médicos.

Pois bem, o Reuni, quando a gente pensou em fazer o Reuni, quando a gente pensou em fazer o Reuni, o que era a lógica do Reuni? A gente aumentar a média de alunos por professor de 12 para 18 e a gente assumiu um compromisso de passar um pouco mais de recurso para a universidade. O que aconteceu? Alguns filhinhos de papai, que estudam aqui, que estudam em Paris, que estudam em Londres, que estudam não sei onde, foram contra,



dizendo que iria degradar, que com 18 alunos na sala de aula era impossível dar aula para aluno. Ora, meu Deus do céu, como é possível dizer que 18 alunos é muito aluno dentro de sala de aula? Teve reitoria quebrada no Brasil, porque quem já estava na escola não queria que os outros entrassem. Não queria que os outros entrassem. Pois bem, por conta do Reuni, por conta do Reuni, a gente conseguiu sair de 113 [mil] vagas renováveis, historicamente, no Brasil, para 250 [mil] como disse o companheiro Fernando, ou seja, mais do que dobramos o número de estudantes que vão entrar na universidade. Essa para mim é uma coisa sagrada, é uma coisa...

Só para vocês terem uma ideia, uma vez eu fui inaugurar uma universidade lá em Sorocaba – eu vou inaugurar agora. A gente tinha alugado um prédio para começar. Aí os estudantes de São Carlos, os estudantes de São Carlos da Federal, lá, foram para Sorocaba para não deixar a gente inaugurar, porque era provisório e não tinha restaurante. Aí eles ficaram ofendidos, porque tinha a associação de catadores de papéis, que tinha filho de catador de papel que estava entrando na universidade, e saiu um cacete entre os estudantes e os catadores de papéis. Aí, quando eu cheguei, os estudantes estavam nervosos: “É, porque os catadores de papéis são brutos”. Aí um catador de papel falou assim para mim: “Ô Presidente, este cidadão pode estudar em qualquer lugar do mundo. Agora, a minha filha está tendo uma chance de ter uma escola e ele não quer que a minha filha estude”. Ora, não é possível.

Bem, o dado concreto é que nós conseguimos vencer essa parada, mas tem uma que o Fernando Haddad não falou, e ele não pode falar ainda, que nós estamos construindo, que eu não quero terminar o meu mandato sem fazer, que é a questão do financiamento para educação brasileira, financiamento. Enquanto a gente vai fazendo as escolas federais, a gente vai ter que criar facilidades para financiamento de jovens que, não tendo vaga nas federais, podem entrar nas escolas pagas com um bom financiamento. Então,



o que nós precisamos é fazer um financiamento de longo prazo, ou seja, a nossa ideia, falta só a gente criar um fundo garantidor, porque, muitas vezes, a gente pede para o jovem arrumar um fiador e não tem, ninguém quer ser fiador de ninguém. Você quer saber se você tem um amigo? Peça para ser fiador seu em alguma coisa. Se for homem, vai dizer: “Deixa eu chegar em casa e conversar com a minha mulher”. Aí, no dia seguinte, volta: “Minha mulher não deixou”. Se for mulher: “Deixa eu chegar em casa e conversar com o meu marido”. “Meu marido não deixou”, porque as pessoas não querem ser fiadoras porque têm medo, se o outro der calote, elas que têm que pagar.

Então, nós queremos criar um fundo garantidor, assumido pelo próprio governo, para a gente fazer financiamento para jovem pobre que queira estudar. Este jovem vai pagar quanto de juro, Fernando? 3,4% ao ano, este jovem vai ter... durante o momento em que ele está estudando, ele não paga nada; depois que ele se formar, ele tem acho que um ano e meio de carência e, depois, ele tem 16 anos para pagar esse dinheiro que ele tomou emprestado para se formar.

Bem, se ele, em algumas áreas – eu vou falar de uma só, na área da saúde –, se formar e ele for prestar serviço, um serviço público, em uma região que mais necessita, sobretudo no SUS, a cada ano que ele trabalhar desconta um pouco daquilo que ele ia pagar, portanto, ele pode até não pagar nada do estudo que ele se formou. O Fernando Haddad, quando me contou a história, Fernando e Reitor, disse o seguinte: “Presidente, se a gente conseguir criar esse programa, vai ter muito americano com inveja dos brasileiros, porque será o programa de financiamento mais sofisticado que se tem conhecimento e com maior tempo para as pessoas pagarem”. E, enquanto isso, a gente vai aumentando as universidades, a gente vai aumentando as escolas técnicas, a gente vai aumentando os Cefets, por quê? Porque nós achamos que o século XXI é o século do Brasil e a gente não vai perder por nada desse mundo. A gente sabe que a gente só vai se transformar em uma grande nação se a gente



investir muito na educação.

Então, eu acho que nós estamos no caminho certo, eu tenho a convicção de que nós mudamos o paradigma do Brasil. Daqui para frente, quem vier vai ter que fazer muito mais. E não tem jeito, não jeito porque vai entrar uma pessoa e vai dizer: “Espera aí, se um peão metalúrgico de São Bernardo fez 14, por que eu não faço 15 ou 16?” E, aí... E também porque eu vou estar no pé para cobrar. E aí as pessoas vão ter que fazer mais mesmo. Quanto mais escolas a gente fizer, quanto mais jovens a gente colocar na escola, mais empregos de qualidade a gente vai criar, mais salário a gente vai pagar, e o que é mais importante: menos cadeia a gente vai ter que construir. A gente vai ver que a sociedade brasileira vai melhorar.

Portanto, eu queria dar os meus parabéns ao povo de Petrolina, de Juazeiro, de Pernambuco, porque... eu ainda vou vir a Pernambuco, dia 27 estarei lá em Suape, ainda vou à Bahia mais algumas vezes também, Prefeito. Porque é o seguinte: quem imagina que o Lula vai parar de andar o Brasil porque vai deixar de ser presidente pode tirar o cavalo da chuva, porque eu vou continuar andando este país, conversando com o nosso povo e trabalhando. Não estou escutando, vocês o quê?

_____ : Somos estudantes brasileiros...

Presidente: São estudantes brasileiros que estão em Cuba. E a universidade aqui já reconhece o diploma de vocês?

_____ : Não.

Presidente: Fernando Haddad, esse é um problema que nós temos que resolver. Ora... Não, essa é a verdade, essa é a verdade. Esse é um problema sério, esse é um problema que a gente poderia chamar o problema da



corporação, não é? Vamos ser francos, vamos ser francos.

O Brasil tem muitos médicos nos grandes centros urbanos. Certamente, aqui no centro de Petrolina tem muito médico. Mas se a gente precisar de um médico em uma cidade a 50 km de distância, a gente não encontra se a gente precisar. Nós temos muitos brasileiros estudantes de medicina em Cuba, e esses jovens voltam para cá com o diploma e são proibidos de clinicar. Algumas universidades tomaram a iniciativa de reconhecer o curso se as pessoas prestarem um teste, é isso? Hein? Ah, vai ter o exame nacional. Quando, Fernando?

Ministro Fernando Haddad: Eu não sei a data de cor, mas as inscrições já terminaram, do primeiro exame.

Presidente: Olha, deixa eu lhe falar uma coisa... Mas, olha, eu não vou... não dá para a gente ficar discutindo aqui, mas essa é uma preocupação que eu tenho, porque eu já fui visitar várias vezes os companheiros em Cuba... Eu sou agradecido ao governo cubano por ser um país tão pobre e ter coragem de oferecer curso para brasileiros, para chilenos, para africanos... Eu sou muito agradecido. Agora, aqui, no Brasil, era preciso que a corporação médica flexibilizasse esse negócio porque é um absurdo, é um absurdo. Então, eu quero ver, por Deus do céu, eu quero ver se resolvo isso antes de deixar o governo, para ver se a gente consegue, Fernando, dar um passo nisso.

No mais, gente, eu quero me despedir de vocês, de coração. Eu vou voltar muitas vezes.

Eu tenho 41 títulos de doutor *honoris causa*. Esses dias, eu perguntei para o Suassuna: Ô Suassuna, para que serve um título de doutor *honoris causa*? Ele falou: “Para nada!” Eu falei: E o que eu faço com os meus? Ele falou: “Receba, receba”. Então, vai ser chique eu colocar aquele chapéu quadrado na cabeça. Eu vou receber. Tem muitos, inclusive da Universidade



Federal de Pernambuco, da Bahia... Mas eu vou assumir o compromisso de vir dar aula magna aqui, eu vou assumir o compromisso, vou assumir.

Então, gente, eu quero, do fundo do coração, me despedir de vocês, agradecer ao Reitor pelo trabalho feito, agradecer aos professores, agradecer aos alunos. Agora vai sair o restaurante, comida de qualidade, baratinha. Então, eu só posso desejar a vocês boa sorte... Não, eu quero. É para mim, a foto? É para mim, essa foto? Eu levarei, meu amor. Essa foto é em Lauro de Freitas, na Bahia. Para quem não sabe, essa foto foi tirada na Bahia, na cidade de Lauro de Freitas, na campanha de 2002.

Ó, o exame vai ser marcado até outubro.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, e até um próximo dia, se Deus quiser, até a minha volta aqui.

(\$211A)